

Editorial

A revista *Temporalidades*, atenta aos debates acadêmicos e às novas pesquisas desenvolvidas nos departamentos de História e áreas afins, traz ao público um dossiê que busca refletir o objeto ciência em sua complexidade. As pesquisas no campo da História das Ciências vêm ganhando destaque crescente entre as demais temáticas, mesmo que, em alguns programas, ainda de forma muito tímida.

As investigações nesse campo procuram trazer diversas problemáticas, discussões pertinentes à historiografia e novas fontes ímpares que demonstra quão abrangente e multidisciplinar pode ser tal área de pesquisa. Sendo assim, pensando na importância em se destacar e divulgar novos estudos sobre a produção e circulação do conhecimento científico, a organização de um dossiê se apresentou como a melhor forma de respeitar e valorizar tais reflexões temáticas, abordando o recorte compreendido como ciência moderna.

Ao tema escolhido, “A circulação do conhecimento na ciência moderna”, vinculamos as contribuições de artigos de discentes e especialistas na área contemplada nesse dossiê. Ademais, o número também conta com entrevista, artigos de temas variados, resenha e transcrição comentada que completam ricamente essa edição.

Uma das novidades dessa edição é que os artigos publicados receberam títulos também em inglês, pois acreditamos que um número crescente de leitores vem utilizando ferramentas de buscas internacionais e indexadores renomados para conhecer novos estudos que estão sendo produzidos no campo da História. Dessa forma, procuramos contribuir para que esses textos tão ricos e inéditos que aqui apresentamos possam ter uma maior visibilidade e alcançar mais interessados pelos seus temas específicos.

Para organizar a seção do **Dossiê**, convidamos um de nossos ilustres membros do Conselho Consultivo, o Dr. Carlos Alvarez Maia, professor na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que gentilmente aceitou nosso convite e com tanta dedicação escreveu a apresentação. No seu texto, o professor Carlos Maia nos apresenta as novas abordagens historiográficas sobre a História das Ciências nos programas de pós-graduação e, com muita gentileza, insere a UFMG e a *Temporalidades* no campo de produção e difusão do conhecimento científico. Agradecemos imensamente ao professor pela atenção e consideração tida com a *Temporalidades*.

Visando melhorar a estrutura da Revista e a fluência da leitura, modificamos o local onde publicamos a entrevista ligada ao tema do Dossiê. Nas edições anteriores, a entrevista era inserida

após a apresentação do organizador, dentro da seção Dossiê. Contudo, existe uma seção específica de **Entrevistas** e, para mantê-la visivelmente mais acessível aos nossos leitores, respeitamos a ordem estabelecida na estruturação da Revista.

A entrevista desta edição foi concedida pela professora do Departamento de História da nossa instituição, Dra. Ana Carolina Vimieiro Gomes, que atualmente também orienta alunos da Pós-Graduação na linha de Ciência e Cultura na História. Temos um agradecimento especial a fazer para a professora Ana Carolina, que tão gentilmente aceitou participar da entrevista e responder perguntas específicas sobre seu mais recente livro, fruto de sua tese de doutorado que, no ano de 2012, ganhou o Prêmio da Sociedade Brasileira de História de Ciência (SBHC) de Melhor Tese. Este livro é uma história sobre a inserção da fisiologia experimental na agenda científica do Brasil de fins do século XIX, a partir de uma instituição científica considerada como pioneira nessa disciplina no país, o "Laboratório de Physiologia Experimental do Museu Nacional". Trata-se de uma análise sobre a iniciação de um campo de saber, a partir da idealização, instalação, funcionamento, consolidação e declínio desse Laboratório em específico. É uma história que explora os sentidos e significados das práticas lá ocorridas e o processo de produção e validação dos conhecimentos científicos, realizado pelos diversos atores envolvidos no referido Laboratório. É um livro que nos ajuda a compreender as tentativas para se consolidar um ideal de ciência para o Brasil no final do Império.¹

Na seção de **Artigos** livres, apresentamos dez textos com temáticas diversas, produzidos por graduados, pós-graduandos e professores de diversas universidades brasileiras. O primeiro deles é de Josimar Mendonça, especialista em docência superior. O texto, com o título de *A ditadura das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no Brasil, e suas influências na educação brasileira*, traz uma discussão bastante pertinente sobre a tecnologia e sua repercussão na educação. Seu artigo inicia-se discutindo o surgimento, em 1946, do primeiro computador digital no Brasil, o Eniac, e como posteriormente a tecnologia sofreu com as restrições impostas pelo governo militar brasileiro. Nesse caminho, o autor aponta que somente com a redemocratização do Brasil, foi possível o desenvolvimento do uso tecnológico, sobretudo no campo da educação.

Raphael Rocha de Almeida, mestre em História, contribui com o artigo *Imprensa e opinião pública em Minas Gerais no ocaso do Primeiro Reinado*. Por meio de análise e pesquisa cuidadosas, Raphael Almeida discute o papel da imprensa para o alargamento da esfera pública no final do Primeiro Reinado. O artigo é um desdobramento de sua dissertação de mestrado que, na esteia

¹ Informações sobre o livro retiradas da página da Fiocruz. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/>

dos bons trabalhos que têm surgido sobre o período, apresenta um olhar renovado sobre as relações entre a imprensa e a complexidade das formas de exercício e/ ou disputa pelo poder.

Em seu artigo, *O exílio no imediato pós-golpe: mecanismo de exclusão política*, a mestranda Maria Cláudia M. Leite faz uma análise das consequências do exílio político imposto após o golpe de 1964 no qual vários indivíduos são excluídos do cenário político brasileiro e dessa forma sua ação de oposição é minada, pois o afastamento do indivíduo de seu país leva a ruptura com a realidade e o desenraizamento do seu universo de origem. Leite ainda mostra que muitos exilados se dirigiram para o Uruguai, conhecido por sua democracia e localização estratégica, o que facilitou o contato entre os exilados e os que ficaram no Brasil.

Por sua vez, o graduado em História pela UFMG, Marcelo A. P. Lima, lança luz sobre as obras do intelectual cearense Gustavo Barroso, membro da Ação Integralista Brasileira, que busca entender a ascensão do fascismo no mundo. No artigo *Ecos da Giovinezza: leituras integralistas da “primavera fascista”* são apresentadas análises de obras do escritor entre 1933 e 1937 que deixam claras que a crença que Barroso nutria em relação a união dos fascistas divergem entre a agressividade e a arrogância característica do fascismo europeu. Destaca-se ainda que o dilema “solidariedade” X “conflito” está presente de forma exemplar nos escritos de Gustavo Barroso.

Já Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho, doutorando na UNICAMP, no artigo *Um anglo-lisboense no Brasil Joanino: escravidão, religião e política sobre o olhar de Henry Koster*, discute as percepções do viajante inglês sobre o Brasil do início do século XIX. Dos relatos de viagens produzidos pelo jovem Koster, o autor destaca os aspectos que problematizam a política, as relações sociais, a escravidão e a religião na América Portuguesa.

O artigo *Colonialismo e Cabo Verde: discussões sobre a colonização portuguesa na África (1950 e 1960)*, da mestranda Tácia Almeida Garrido de Resende, apresenta a análise sobre reflexões realizadas por intelectuais africanos na década de 1950 sobre o lugar de Cabo Verde e África. Ao se debruçar sobre tais intelectuais a autora percebe a incompatibilidade do “evasionismo” claridoso com a ideia de Mãe-África defendida por fervorosos pan-africanistas. São apresentadas as críticas sobre a “Claridade”, sobretudo, a partir de 1950, com a maior mobilização do movimento pan-africano, o movimento claridoso se desarticula.

O artigo seguinte é *Indesejáveis do Reino: procedimentos de exclusão e políticas discriminatórias aplicadas aos ciganos no Império Português*, de Natally Chris da Rocha Menini. Neste artigo, a mestrande em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro analisa os ciganos enquanto um grupo étnico e como estes foram renegados a categoria de excluídos no Império

Português. Partindo da reflexão da construção social da identidade deste grupo, demonstra dentre outros aspectos, como a organização e o desempenho de ofícios os distinguiu frente a outras etnias. Por fim, através da leitura sistemática de tratados de direito e promulgação de leis, a autora mostra como desde o século XVI havia queixas contra os furtos e feitiçarias que os ciganos fingiam saber, solicitando soluções a este incomodo social, levando as autoridades régias a limpar a metrópole aplicando expulsões e punições a este grupo étnico, legando-os o taxativo de indesejáveis do reino.

Pensando na atuação de poderes eclesiásticos no Brasil Colônia, Ricardo Batista de Oliveira, doutorando em História Universidade Federal de Uberlândia traz para os leitores da Revista o artigo *Aldeamentos jesuítas na capitania do Espírito Santo: ocupação colonial e ressignificação da etnicidade indígena entre os séculos XVI e XVIII*. O artigo procura analisar a influência dos jesuítas no reconhecimento e ocupação do território espírito-santense, mostrando como os aldeamentos contribuíram ou serviram como obstáculo para as autoridades coloniais. Ademais, mostra como uma nova dinâmica vivenciada pelos indígenas nos aldeamentos desencadeou uma série de rearranjos e ressignificações da identidade étnica.

Já Angelica Stachuk e Oseias de Oliveira, graduada em História e Prof. Dr. da Unicentro-PR, respectivamente, discutem as sociabilidades estabelecidas entre indígenas e os demais integrantes da população de Guarapuava, região do Paraná, na década de 1850. Para o artigo, *O fandango como espaço de sociabilidade em Guarapuava - 1850*, os autores utilizaram uma rica documentação judiciária, com o objetivo central de analisar as redes de sociabilidade, especialmente dos fandangos, trazendo a tona os embates e conflitos envolvidos.

No artigo *“Considerações sobre a historiografia dos retábulos luso-brasileiros: autores clássicos e contemporâneos”*, João Henrique Grossi Sad Jr., bacharel e licenciado em Desenho pela Universidade Federal de Minas Gerais, aborda a historiografia dos retábulos luso-brasileiros, do ponto de vista da contribuição de alguns autores pioneiros e suas obras. O autor também comenta a produção historiográfica contemporânea, a qual, devedora dos clássicos, completa e renova as informações neles contidas, através de novas abordagens daquela matéria. Ao longo do texto apresenta os diferentes tipos de retábulos, entretanto, o principal objetivo de João Henrique é demonstrar que o campo das pesquisas continua aberto.

Na seção de **Resenhas** temos a análise da obra: *SOARES, Ana Caroline Eiras Coelho. Moçaeducada, mulher civilizada, esposa feliz: Relações de Gênero e História em José de Alencar. Bauru, SP: Edusc, 2012*. Ana Caroline Campagnolo Bellei, a resenhista da seção, é mestranda na linha de pesquisa “Culturas Políticas e Sociabilidade” do Programa de Pós-Graduação em História da

UDESC. A resenha possui o emblema feminino, além das duas Anas – uma autora da resenha e outra autora da obra resenhada – distingue-se pela presença de outras mulheres: Lucia, Maria, Emília, Carolina e Aurélia, personagens de José de Alencar que são analisadas à luz da sociedade imperial com intuito de trazer elementos dos papéis e desafios da mulher naquele período, enriquecendo a discussão de grande relevância ao entorno no conceito de gênero e do papel das mulheres nas sociedades do passado brasileiro, sem perder de vista a história da leitura e a literatura enquanto fonte histórica.

A nossa última seção, **Transcrição Documental Comentada**, publica o trabalho de Igor Tadeu Camilo Rocha, intitulado *Incredulidade e tolerância religiosa no processo inquisitorial contra o padre João Pedro de Lemos Montes (1779)*. Igor Rocha é mestrando em nosso programa de pós-graduação e um dos coordenadores da Oficina de Paleografia da UFMG, portanto, conhecedor da *arte de transcrever* manuscritos. Nesta edição, nos brindou com uma rica análise de um processo inquisitorial que levanta uma série de questões sobre o pensamento religioso das Luzes, destacando a tolerância religiosa e o ceticismo, sem perder o fio da meada da circulação do conhecimento e obras proibidas pela Igreja.

Por fim, convidamos para uma prazerosa leitura e aguardamos contribuições de trabalhos advindos de nossos colegas pesquisadores e leitores da *Temporalidades*.

O Conselho Editorial